

## **Experiências de Tempo no Umbral: Tempo Subjetivo e Representações do espiritismo através de análises do filme “Nosso Lar”**

Ana Cecília Moreira Elias

O filme *Nosso Lar*, caracterizado como o gênero drama, traz a trajetória de André Luiz, que após seu “desencarne”, encontra-se com o seu espírito preso em um horrível e desconhecido lugar, onde o personagem inicia todo o seu drama existencial, tentando entender o significado do que é a vida e de como ela era capaz de projetar-se depois da morte? Como, o porquê, da sua existência ter-se direcionado a tais circunstâncias?[...] E, quando o personagem consegue o entendimento de algumas das suas indagações, o mesmo passa por outro grande dilema, o anseio em poder rever sua família, que continuavam “encarnados na terra”.

O filme inicia-se com imagens compostas por digressões, apresentam o personagem principal, André Luiz, em seu cotidiano familiar, correspondendo aos momentos anteriores ao “seu desencarne”, apresenta também o seu espírito preso no Umbral, cenas da sua vida boêmia, como também no exercício de sua profissão, médico.

Ao acordar com o corpo todo coberto por lama, mesmo que ainda vestido com terno, era impossível decifrar a cor de suas vestes, devido ao excesso de imundície que lhe cobria. André Luiz, “personagem-narrador”, descreve seus sentimentos e percepções em sua presente condição. O personagem percebe que seu corpo havia falecido, mas incrivelmente em algum lugar, ainda desconhecido, a sua vida continuava.

Ao narrar suas primeiras impressões, manifesta-se ainda confuso, o personagem não entendia onde se encontrava, tampouco porque teria sido conduzido até aquele horrível local.

Entendera que seu corpo estava morto, mas “que enquanto vivo” (encarnado), era um renomado médico, que acreditava no poder da ciência apenas, para ele, Deus era somente uma ilusão. Porém, tudo havia mudado, pois o personagem “entendeu-se vivo após a morte”, suas compreensões e dogmas estavam passando por um processo de transformação.

Enquanto André narra suas impressões ao caminhar, o cenário que compõe o Umbral é apresentado, estas cenas são compostas por imagens escuras, o lugar é composto por penhascos profundos, em sua planície há diversos corpos deitados

rodeados por garrafas, nas árvores com galhos secos, pessoas são amarradas e com as costas nuas apanham, gritos e gemidos de horror compõem o som de fundo, aves de rapina voam no céu escuro.

Após uma sequência de fala do personagem: **“A vida é fonte eterna que passa por diversas etapas”**. “Acordei numa dimensão chamada Umbral, uma espécie de purgatório”. “E minha História estava apenas **recomeçando**”. As cenas de digressões iniciam-se: André Luiz enquanto criança, retratado através de imagens que compõem uma tradicional família rica. As imagens voltam-se ao Umbral, André relata: **“Perdi toda noção de Tempo e espaço”**. Depois, em luxuoso Bordel, mostra André enquanto jovem e na fase de “homem maduro”, cercado por bonitas damas, bebidas e charutos, novamente, as imagens voltam-se ao Umbral.

Com a composição destas cenas iniciais, é possível notarmos algumas noções de tempo sendo representadas. No entanto, primeiramente traremos a noção de tempo expressa por Koselleck apud Reis (2006), para, posteriormente, estabeleceremos uma articulação com as cenas do filme acima descritas.

Além da existência da organização do “tempo calendário”, existe a subjetividade da compreensão do tempo, seja pertencente à coletividade ou a percepção individual, dito de outra forma, a contagem do tempo em calendário é essencial à sociedade e ao historiador a título de organização. Entretanto, ao se fazer um estudo da temporalidade, é necessário ir além, compreender as variações de compreensão do tempo, de acordo com as experiências individuais de cada pessoa, de acordo com os autores citados, (KOSELLECK apud REIS, 2006);

*[...] Na experiência individual, por exemplo, o envelhecimento modifica a relação entre espera e experiência. Quando se é mais jovem ou mais velho, o passado e o futuro significam diferentemente e sua relação se altera. Ainda usando o exemplo da experiência individual, pode-se distinguir uma idade cronológica, medida pelo calendário, e uma idade interna, histórica. Os indivíduos sempre têm um número de anos vividos, mas sua relação interna com o seu passado e o seu futuro, embora se relacione, não se submete à idade numérica.*

Diante disto, entendemos que na realidade, o que importa não é, por exemplo, os anos vividos por uma pessoa para que haja uma compreensão diante do tempo, isto é, estar mais velho não quer dizer “ser experiente”, mas sim, vale refletir sobre quais experiências o indivíduo teve ao longo do tempo e suas concepções internas pautadas em tais experiências. Desta forma, estar mais velho não corresponde à experiência, nem

mesmo ser jovem equivale dizer que se trata de um momento encerrado pela espera e expectativas futuras.

Retomando as cenas do filme, podemos notar que as percepções de tempo do personagem André Luiz, passam por um processo de transformação de acordo com a nova experiência “de vida”, em que o mesmo está vivenciando ao acordar no até então, horrível e desconhecido lugar.

Diante da sua própria dor, André passa a entender a vida como algo eterno acordar no Umbral, lugar de sofrimento e penúria, o fez desconsiderar a sua antiga percepção de que a vida cessava-se com a morte, sozinho compreendeu que o seu corpo físico havia falecido, mas que a vida continuava, percebendo que o tempo de vida do indivíduo na terra, era apenas uma etapa e não um todo e único tempo estabelecido que se encerraria com a morte, assim como o tempo, André percebe que o indivíduo é eterno.

Desta forma, podemos notar que a teoria defendida por Koselleck apud Reis (2006), de que o tempo como uma percepção individual, referenciando-se as experiências vividas pelo sujeito em detrimento da idade, assemelha-se com a noção de tempo que vai sendo representada através do personagem principal, nas primeiras cenas do filme descritas anteriormente.

A compreensão do tempo eterno, não fragmentado, está presente também em Sartre (1997), para o autor, o tempo não se compreende por uma soma entre passado, presente e futuro. Existe sim, uma conexão indissolúvel entre estes, o que não corresponde a uma compressão do tempo como linear e homogêneo. Portanto, para Sartre (1997), a temporalidade corresponde a uma construção, onde o nosso presente está inteiramente ligado ao contexto histórico do passado, assim como o futuro seguirá diretrizes de acordo com o que construímos no presente. Porém, apesar de podermos fazer apontamentos para o futuro relacionando-o com o que construímos no agora, o futuro é incerto. De acordo com (SARTRE, 1997. p.158);

*A temporalidade é evidentemente uma estrutura organizada, e esses três pretensos ‘elementos’ do tempo, passado, presente, futuro, não devem ser encarados como uma coleção de “dados” (data) cuja soma deve ser efetuada – como, por exemplo, uma séria infinita de ‘agoras’ na qual uns não são, outros não são mais- e sim como momentos estruturados de uma síntese original. Senão, vamos deparar antes de tudo com esse paradoxo: o passado não é mais, o futuro não é ainda; quanto ao presente instantâneo, todos sabem que não existe: é o limite de uma divisão infinita, como o ponto sem dimensão. Assim, toda a serie se aniquila, e duplamente, já que o “agora”*

*futuro, por exemplo, é um nada enquanto futuro e se realizará em nada quando passar ao estado de “agora” presente. O único método possível para estudar a temporalidade é abordá-la como uma totalidade que domina suas estruturas secundárias e lhes confere significado.*

Sartre (1997), além de preocupar-se com estas dimensões sobre a temporalidade, aborda também, a importância da compreensão do sujeito (o ser) ao longo do tempo, o autor, faz crítica à concepção que ele elucida como vinda do senso comum, a “de que somos o que somos” na nossa forma de ser, pensar e agir, estando totalmente desconectada das nossas relações passadas, ou seja, como se não houvesse uma construção social ao longo do tempo.

Para o autor, somos parte de uma construção social (que forma o todo) e por sua vez, lapidada continuamente pelo tempo, logo, só posso ser o que sou hoje, de acordo com o vivi e presenciei no passado. (SARTRE, 1997. p. 159);

*[...] É preciso, então, de uma vez por todas, colocar a pergunta: qual é o ser de um ser passado? O senso comum oscila entre duas concepções igualmente vagas: o passado, diz-se, não é mais. Desse ponto de vista, parece que se quer atribuir o ser somente ao presente. Esta pressuposição ontológica engendrou a famosa teoria das impressões cerebrais: já que o passado não é mais, pois desvaneceu-se no nada, se a recordação continua existindo é preciso que seja a título de modificação presente de nosso ser.*

Esta colocação sartreana, de um “passado que transcende”, continuando a interferir claramente nas ações, condutas e pensamentos humanos “presentes”, aparece expressada também no filme, quando, através das imagens de digressões, percebemos que o fato de André Luiz ter sido “conduzido” ao Umbral, após desencarne, reflete-se á uma continuidade de seus atos anteriores, filho de uma família rica, desde criança “acostumou-se” a conviver em ambientes fartos, possibilidade para que o personagem conduzisse a sua vida aos excessos e, assim, o fez.

Durante a sua juventude e “fase adulta”, o personagem conduziu a sua vida pautada por uma conduta abusiva, principalmente em relação à alimentação e ao sexo, características estas, que desencadearam em complicações no estômago, intestino e a ocorrência de sífilis, levando-o ao desencarne antes do tempo previsto, caracterizando-o assim, como suicida involuntário, (este, de acordo com o espiritismo, assinala-se com a morte de corpo físico, causada por series de atitudes levianas do indivíduo. Mesmo que o mesmo não tenha intenção de morrer), fato que o conduz ao Vale dos Suicidas no Umbral. Ou seja, compreendemos até o presente momento, a representação de um passado que continua, no entanto, para o imaginário espírita, trata-se de uma

continuação que perpassa o pós-morte, enquanto para Sartre, continuação que se encera com a morte física.

Enquanto André Luiz continua a caminhar e refletir pelo Umbral, as imagens retornam a digressão, o personagem desce as escadas de sua bela propriedade, bem decorada, espaçosa e iluminada, André se encontra com um de seus filhos, que escrevia sobre a mesa de jantar. André Luiz interroga-o se havia terminado os deveres escolares e diante da resposta positiva, autoriza o filho a ir brincar.

Lembrando que o filme retrata o período do final do século XIX e início do XX, podemos observar na cena em que constitui o cotidiano familiar de André Luiz, uma clara alusão a organização da família burguesa vigente no período, ou seja, mencionado personagem, representa um homem que viveu de acordo com as ordens vigorantes de seu tempo, preocupado com a família, (ou pelo menos com a imagem desta), o trabalho e a ciência. Representação, coerente com a constituição e manutenção do espiritismo, pois mencionada religião deteve-se a acompanhar os principais paradigmas sociais postos de acordo com a época vigente. Obviamente, questões estas, postas especificamente por determinada classe social, econômica e cultural.

O espiritismo foi codificado pelo francês que atendia pelo pseudônimo “Allan Kardec”, na segunda metade do século XIX, período em que a efervescente intelectualidade burguesa da época, recém-saída da Revolução Francesa e ainda inspirada pelos ideais do iluminismo, tinham, dentre seus principais pressupostos, a organização social “livre do misticismo” experimentado na Idade Média, que ficou conhecida durante o período moderno como “idade das trevas”, tempo das estagnações, do fanatismo e da inércia, que a contrapondo, estaria o período moderno, a “época das luzes” desenvolvimento do Estado laico republicano, da ciência, da razão, importância do desenvolvimento da propriedade privada e da família.

Neste sentido, o dogma de cunho religioso nascente, encontrou apoio e desenvolvimento de seus ideais na intelectualidade francesa burguesa do século XIX, pois de acordo com Lewgoy (2008), Allan Kardec “foi um homem das luzes”, incorporado como poucos, aos ideais sociais do período. (LEWGOY, 2008, p. 85-86);

*Allan Kardec, o criador do espiritismo, encarnou como poucos o ideal racionalista do século XIX, quando a ciência, a filosofia da História e o determinismo passaram a tomar o lugar do voluntarismo subjetivo na imaginação moral. Como se depreende do Livro dos Espíritos, muito da sua figura tem a ver com a austeridade burguesa da época; e seu ideal de ciência experimental, aplicado á religião, é profundamente marcado pelo*

*positivismo: a importância transcendental do método, a ontologia naturalista, a unidade da verdade garantida através da concordância intersubjetiva dos experimentos, a exposição didática das respostas. Nesse primeiro sentido, Kardec foi um homem das Luzes, que criou uma religião altamente relacionada com os ideais de sua época: a laicidade, o progresso e o espírito científico, tendo atraído cientistas e literatos.*

Desta forma, o personagem André Luiz, representa um simbolismo histórico que acompanha características do contexto sociocultural da religião espírita e de seus principais líderes, por assim dizer.

Lewgoy (2008) aponta Kardec como fundador da referida religião e o analisa de acordo com os anseios socioculturais da sociedade burguesa intelectualizada em voga. Sendo, no Brasil, as primeiras influências espíritas ocorreram ainda no século XIX, especificamente com a elite carioca. (LEWGOY, 2008, p. 87);

*O espiritismo de Allan Kardec foi introduzido no Brasil na segunda metade do Século XIX, ainda durante o Império, como um entre outros modismos importados da França, potência largamente hegemônica no imaginário intelectual e estético das elites brasileiras da época (Laplantine e Aubrée 1990). Em pouco tempo o espiritismo converteu-se em alternativa religiosa de vanguarda, cujo charme estava em sua singular conjunção entre ciência experimental e fé revelada, associada a um anticlericalismo que agradava a um público de opositores ilustrados do Império, notadamente abolicionistas e republicanos.*

O espiritismo brasileiro, ganha tamanha representatividade, principalmente, através de forte atuação da FEB (Federação Espírita Brasileira), fundada em 1884 e do médium Chico Xavier, passando a influenciar não apenas os adeptos brasileiros, mas também a nível internacional, incluindo a própria França, a qual passa receber influências de características advindas diretamente do Brasil.

Entre os principais atributos do “espiritismo brasileiro”, está a posição dual dos adeptos e da FEB em relação à Igreja Católica, de oposição e sincretismo. No século XX especialmente a partir do alcance da representatividade de Chico Xavier, a partir na década de 1930, a religião ganha aspecto mais voltado a composição da família, que de acordo com Lewgoy (2011), foi uma questão fortemente marcada na trajetória de vida do médium, principalmente ao que tange a figura da mãe.

Ressaltando a posição mais aguda de Kardec e adeptos francês do século XIX contra a Igreja Católica, tornando inexistente a aproximação entre ambas doutrinas, a preocupação com a constituição e manutenção da família existia também em Kardec, porém, ao contrário de Chico Xavier, esta era uma questão que não aparecia em destaque quanto em Chico.

Desta forma, a representatividade da cena em que analisamos, simboliza elementos importantes da constituição e trajetória do espiritismo a partir de seus dois líderes fundamentais: Allan Kardec e Chico Xavier. Ambos viveram e debateram as principais questões colocadas nas respectivas épocas e localidades.

André Luiz representa o homem que viveu de acordo com as normativas sociais colocadas em seu tempo, voltado aos estudos da ciência, pensada da forma positivista e experimental vigente no século XIX, preocupando-se com o desenvolvimento intelectual e com a família, pois “a boa manutenção desta” era fundamental, buscando também, oferecer “apropriada” (intelectualizada) educação aos filhos, questão que aparece representada ao longo da película, além das cenas iniciais que fazem-se foco até o presente momento de nossa discussão, as quais apresentam a aparente estabilidade familiar vivida pelo personagem, representando também, o medo humano perante o tempo.

De acordo com Reis (2009), o homem sempre temeu em pensar sua própria posição diante do tempo, porque pensar a temporalidade equivale a deparar-se com as incertezas, como o medo da morte, do envelhecimento, das mutações, da instabilidade e da solidão, pois “as sociedades humanas aspiraram sempre por eternidade, estabilidade, unidade e a um presente eterno” (REIS, 2009, p.31).

Neste sentido, André Luiz na cena em questão, representa o homem que leva sua vida pautada na estabilidade (ou pelo menos na aparência desta), dentro da ordem, da manutenção familiar, isto é, representa o homem que nega a instabilidade, as incertezas, portanto, um homem que vive o seu presente e quer eternizá-lo, se sentia “o senhor do lar”, renomado e respeitado médico, o homem da razão e da ciência, esta, a qual deveria responder aos principais anseios da sociedade.

No entanto, de acordo com Morin (2007), as incertezas fazem parte do processo histórico, o homem é incapaz de deter “previsões” e controles exatos dos acontecimentos, apesar da negação do mesmo a falta de controle de si próprio e do tempo.

Desta forma, em mencionada cena do cotidiano familiar de André Luiz, ao representar um homem que buscava viver ou pelo menos apresentar-se conforme as colocações sociais de sua época, simbolicamente, representa também, a trajetória

espírita, pautada principalmente nas obras e ações de Allan Kardec e Chico Xavier, que se detiveram incisivamente aos paradigmas de suas respectivas épocas.

Representa o medo social moderno da instabilidade, das incertezas, do novo. Medo que vigora na modernidade, pois de acordo com Reis (2009) e Koselleck (2006), o homem do período medieval acreditava na realidade escatológica de fim do mundo colocada pela Igreja Católica, de modo que não tinham muito ao que temer, pois o fim da vida humana na Terra estava prestes a chegar, não havendo o que alterar, já que a verdade estava dada pela Bíblia e o destino determinado por Deus. Assim, a vida e o tempo seguiam um ritmo linear, vazio, á espera do Juízo final.

Ainda de acordo com os autores, o homem moderno deparou-se com uma nova compreensão de tempo e de organização da vida, não encontravam mais uma resposta final sobre o seu destino e a vida, o fim da verdade escatológica precedendo ao Juízo Final, cedia lugar as incertezas, mas paradoxalmente, a sociedade burguesa buscava a estabilidade, a ordem da família, do progresso e da verdade, através de respostas encontradas não mais na Bíblia, mas na cientificidade. Sendo, esta sociedade, está busca pelo estável, algo que o personagem André Luiz representa nas cenas iniciais em análise.

O personagem, enquanto toma chá ou café, volta-se para a janela de sua casa e observando sua família, diz a si mesmo: **“ao lembrar o passado vi que nem sempre as aparências indicam a realidade**, por vezes, o nosso lado sombrio se esconde numa falsa imagem de tranquilidade”.

André e a esposa se entreolham rapidamente e o personagem prossegue suas reflexões: “Mas, um dia tudo vem à tona. E nunca é tarde demais”. Seguidamente, as imagens retornam para o Umbral.

As lembranças de André Luiz indicam reflexões que ele realiza ao despertar no Umbral, além da nova percepção que vai adquirindo sobre a vida e concepção de Deus, que debatemos anteriormente, o personagem passa a perceber também, o equívoco em sua antiga concepção do desenvolvimento linear quanto as ordens dos fatos perante a vida, o antigo médico e patriarca, que se negava as ordens das incertezas da existência, percebe que ao longo da trajetória humana, seja ela em escala coletiva ou individual, não estão à mercê de respostas objetivas e certas, de acordo com atitudes do presente,

manter a aparente estabilidade no lar, não indica controle sobre o presente, tampouco sobre o que está por vir.

Deste modo, o personagem sentia-se não apenas senhor de si, do lar e da razão, mas também, compreendia-se como dono do seu presente e daqueles que o circulava, sentia-se possuidor das verdades futuras de si, dos seus e do progresso da humanidade rumo às verdades certificadas pela ciência. Estes são alguns, dentre os equívocos percebidos por André Luiz durante suas reflexões, enquanto vagava pela superfície do Umbral.

As percepções de tempo nas quais nos pautamos para o debate de compreensões do mesmo, representadas no filme *Nosso Lar*, isto é, parte da compreensão do imaginário religioso espírita sobre a noção de tempo e do homem nele inserido, perpassa a apreensão do tempo como perspectiva subjetiva, estamos nitidamente dialogando com a compreensão de temporalidade defendida por Koselleck (2006). Conforme debatemos acima, mencionado autor defende as apreensões e compreensões do tempo, como características subjetivas, diferenciando o tempo uno, contínuo, (o que não quer dizer linear) com o tempo calendário, para ele, as organizações temporais, as quais temos as datas, são organizações sociais criadas pelo ser humano para seu próprio benefício. No entanto, o tempo da natureza é único, o que muda são nossas compreensões diante do mesmo e sobre o mesmo, seja a nível coletivo ou individual. Neste sentido, o autor diz da existência de “tempos históricos, uns sobrepostos ao outro”, são as várias compreensões de tempo, das apreensões e experiências individuais ao longo da temporalidade que se juntam, se fundem, se contrapõem, dando sentido a História e a experiência humana no tempo. (KOSELLECK, 2006, p. 13);

*[...] Ainda assim, a datação exata é imprescindível pra que se possa organizar e narrar esse conteúdo constituído de eventos. Mas a datação correta é apenas um pressuposto, e não uma determinação da natureza daquilo que se pode chamar de “tempo histórico” .*

Neste aspecto, a partir das percepções individuais, subjetivas, apresentadas pelo personagem André Luiz ao longo do filme, nos permite debater a partir do indivíduo, noções e compreensões do tempo, de acordo com diferenciados contextos históricos.

Voltando a cena das reflexões de André Luiz ao relembrar o passado e deparando-se com equívocos anteriores, o personagem vai ao encontro do com o que Morin (2000) denomina de “As Cegueiras do Conhecimento: o erro e a ilusão”; (MORIN, 2000, p. 19).

*Todo conhecimento comporta o risco do erro e da ilusão [...] O maior erro seria subestimar o problema do erro; a maior ilusão seria subestimar o problema da ilusão. O reconhecimento do erro e da ilusão é ainda mais difícil, porque o erro e a ilusão não se reconhecem, em absoluto como tais.*

Para que André Luiz reconhecesse seus próprios erros e ilusões, foi necessário que se deparasse com algo totalmente novo para ele, o inesperado, que neste caso, procede com a continuidade da vida após a morte, de modo que o personagem compreendeu a completa incapacidade de previsão total do futuro, neste sentido, conforme apontamos acima, Sartre (1997), ao enunciar suas argumentações sobre o futuro, logo o diz como algo instável, algo que frequentemente foge as previsões, pois, por mais que tenhamos nuances sobre possíveis acontecimentos futuros, não conseguiremos fazer “previsões” fiéis ao que esta para acontecer, sempre haverá detalhes a serem modificados ou não “previstos”, podendo até mesmo, não ser nada do que imaginamos. (SARTRE, 1997. p. 179).

*[...] O Para-si só pode estar “pleno de futuro”, ou ser “espera do porvir” ou “conhecimento do porvir” sobre o fundo de uma relação originária e pré – judicativa de si a si: não se pode conceber para o Para – si a menor possibilidade de uma previsão temática, sequer as dos estados determinados do universo científico, salvo se ele for o ser que vem a si mesmo a partir do porvir, o ser que se faz existir a si mesmo como tendo seu ser fora de si, no porvir. Eis um exemplo simples: esta posição que assumo na quadra de tênis só tem sentido pelo gesto que farei em seguida com minha raquete para devolver a bola por cima da rede. Mas não obedeco á “clara representação” do gesto futuro nem á “firme vontade” de realizá-lo. Representação e vontade são ídolos inventados pelos psicólogos. É o gesto futuro que, mesmo sem ser tematicamente posicionado, reverte-se sobre as posições que adoto para iluminá-las, vinculá-las e modificá-las. [...] Não se deve entender por futuro um “agora” que ainda não é. Recairemos no Em – si e, sobretudo iríamos encarar o tempo como um continente dado e estático. O futuro é o que tenho – de – ser na medida em que posso não sê-lo. [...]*

Até o presente momento, estamos lidando claramente, com um processo de inter-relação entre as noções de tempo no imaginário espírita, a partir de representações do filme Nosso Lar, com as proposições acerca da temporalidade, defendida por estudiosos que se dedicam ao seu estudo numa perspectiva totalmente desassociada de compreensões religiosas, podemos denominar uma correlação entre o desenvolvimento e a compreensão do “tempo sagrado” com o “tempo material”.

Retornando para a análise das cenas do filme, as imagens se voltam novamente para o Umbral, posteriormente, para André Luiz em seu consultório. Enquanto o personagem se despedia de uma paciente, a secretária mostra-lhe um casal de idosos que o aguardava, cujos nomes Antenor e sua doce esposa Amélia, o esperavam calmamente, sendo os últimos pacientes daquele dia, que por não terem condições financeiras, eram atendidos gratuitamente. No entanto, em gestos á secretária, André demonstrou cansaço, porém, em motivo dos sinais da mesma, o médico realizou a consulta, que nestes casos era sempre feita no final da tarde.

Compreendemos que as noções de tempo constituídas no imaginário espírita, estão diretamente ligadas a compreensão de temporalidade da “matéria”, por assim dizer. Compreendendo também, o medo humano diante das incertezas do tempo, da sua irreversibilidade e de sua complexidade, isto é, medo humano de ser dominado diante do tempo. Neste sentido, Reis (2009) intitula o primeiro capítulo Tempo e Terror: Estratégias de evasão, do livro História, a ciência dos homens no tempo, em que o autor debate as estratégias de “fuga do tempo” adotadas pelas chamadas sociedades primitivas, até as estratégias de evasão do tempo das sociedades filosóficas gregas antigas. (REIS, 2009, p. 30 – 31).

*[...] A mudança, a experiência concreta da temporalidade, sempre foi considerada intolerável pelos homens. Nenhuma sociedade humana conseguiu conviver em paz com este não-ser que praticamente as constitui. Como experiência vivida, o tempo é terror e o que sempre se quis foi esquecê-lo [...] As sociedades humanas aspiram sempre á eternidade á estabilidade, á unidade, a um presente eterno. Elas quiseram sempre se esquecer e não se lembrar das suas mudanças perpétuas. Essa foi a sua esperança: sair da experiência da temporalidade e reencontrar o Ser, o sentido, a permanência, a Presença; isto é, suprimir a irreversibilidade em uma reversibilidade.*

Como estratégia de “fuga” mística do tempo pelas sociedades “arcaicas”, Reis (2009) destaca os ritos sagrados desempenhados por estas sociedades. Através da sacralização do tempo e da volta ao começo, á criação do cosmos, fundia-se passado e presente, ao que o autor denomina de intensificação do presente. (REIS, 2009, p. 32).

*[...] Por meio de rituais, o caos dos eventos é integrados no cosmos. Sacralizados, os eventos ganham realidade e sentido. A sacralização se dá pelo ritual – um altar, um sacrifício, um canto, danças, palavras especiais repetidas. O ritual é a repetição do ato cósmico da criação. O tempo do ritual coincide com o tempo mítico do começo. Pela repetição-ritual do ato criador, o hoje concreto é suspenso e lançado no tempo mítico, em que a fundação do mundo teve lugar. O tempo do ritual é um começo sagrado: o presente une-se ao passado em um presente intenso, em instante eterno.*

Ao passo que os filósofos gregos, de acordo com a perspectiva de REIS (2009), empenhavam como estratégia filosófica de evasão do tempo, a compreensão da temporalidade em primeiro lugar, como eterna e circular. (REIS, 2009, p. 32).

*[...] O movimento circular não revela o tempo, mas a eternidade. Nele não há mudança, transição, transcurso, novidade, evento ou alteridade. O eterno movimento circular é primeiro ontologicamente e primeiro na ordem do conhecimento. O ser cognoscível só pode ser em movimento circular.*

Desta forma, entendemos a compreensão de temporalidade como movimento circular nos gregos e também nas sociedades primitivas, em esta última, através de rituais místicos, partem do presente para retornar ao passado, retornando-o ao presente, assim, continuamente. São estratégias de evasão, de domínio do homem sobre o tempo. No entanto, não equivale dizer, que se trata de uma única compreensão de circularidade temporal. É certo, que parte dos filósofos gregos e sociedades primitivas compreendiam o tempo como circularidade, mas concebido de formas distintas, os povos arcaicos a entendia através “do místico retorno”, enquanto os gregos buscavam compreensão filosófica do eterno regresso.

Neste caso, a perspectiva filosófica grega de eternidade e circularidade do tempo, base para o dogma espírita de desenvolvimento da compreensão e explicação da reencarnação. Porém, de acordo com a cena analisada, “a estratégia” de domínio do tempo na concepção espírita, não se localiza “puramente” na compreensão de eternidade e circularidade do mesmo.

Em conformidade com os atos cometidos por André Luiz, em que após seu desencarne deparou-se na zona de sofrimento Umbral, constatamos que da mesma forma que seus atos passados de excessos tiveram continuidade futura, o que designaria para onde o mesmo seria conduzido após sua morte, seus atos “de caridade”, mesmo que desempenhados de forma não completamente satisfatórias, juntamente com as interseções de sua mãe, bem como de sua própria prece, foram interventores diretos para que André Luiz não permanecesse mais do que oito anos no Umbral. Aqui, os mecanismos de “domínio do tempo” no imaginário espírita, consistem na prática da caridade, da prece, do perdão e do amor ao próximo, podendo diminuir e moderar o resgate dos carmas individuais. Abaixo seguem duas sequências de cenas que representam regastes de sofrimentos que poderiam permanecer por tempo maior, mas que foram modificados com ajuda de intervenção da prece.

Estas características, de acordo com Lewgoy (2008), são específicas do espiritismo constituinte no Brasil, para o autor, o espiritismo dogmatizado na França por Kardec, apresentava atributos mais “secos” que no Brasil, portanto, a caridade e a prece como elementos “diminuidores do carma”, aparecem presentes no “espiritismo brasileiro”, ao contrario do francês, o qual apresenta estes elementos como parte fundamental para a evolução do homem, mas não faz menção a estes, como portadores de ponderação do carma individual.

No Umbral, André Luiz continua suas reflexões: “Na planície devastada, eu apenas sobrevivia. Sem destino, sem resposta. Respirava, sentia fome, frio e medo”. Ouve-se, então, o som de choro e gemidos ao longe. O personagem alimentava-se de galhos secos, ao olhar para frente, vê um casal ajoelhado, ambos chorando, quando a voz masculina diz: “Me perdoa, por favor, me perdoa!”, em resposta, a voz feminina: “Eu te perdoo, meu amor”. Novamente, a voz masculina: “Me perdoa amor, por favor!” e a voz feminina responde: “Eu também te peço perdão.”, Até que a voz masculina grita: “Socorro. Tira a gente daqui.” e da mesma forma, a voz feminina: “Meu Deus, tira a gente daqui!”. Por fim, a voz masculina diz: “Tira a gente daqui”. André Luiz, que continuava observando, viu quando uma luz surge e o casal é resgatado por homens que aparecem com roupas claras e envoltos pela mesma luz.

Deitado no chão, André entendendo o significado da oração, pela primeira vez em “sua vida”, reza: “Na hora do desespero, quando não tinha mais forças, todas as esperanças pareciam terminadas, fiz a única coisa que me restava. Não sei quanto tempo durou aquela súplica, que vinha do fundo da minha alma, mas fui ouvido”. Com o fundo musical suave, auxiliado por Lísias e Tobias, Clarêncio resgata André Luiz, que sai carregado em uma maca, conduzido para um hospital da cidade Nosso Lar, no Ministério da regeneração.

### Considerações Finais:

A oportunidade de nos debruçarmos diante dos paradigmas em torno da temporalidade proposta por autores como REIS (2009), KOSELLECK (2006), SARTRE (1997), contrapondo-os as perspectivas de tempo representadas no filme Nosso Lar, o imaginário religioso espírita, nos levou a importantes compreensões, pois o espiritismo, ao fundamentar suas compreensões de tempo, parte de um princípio

proposto na antiguidade pela filosofia grega, especificamente por Platão, considerando as compreensões de tempo defendidas por mencionado filósofo á teoria da reencarnação.

Porém, sem que apareçam referências aos historiadores – filósofos por nós estudados nas obras espíritas analisadas, assim como os mesmos não propuseram em seus estudos, perspectivas que se aproximassem de entendimentos religiosos, entre as principais aproximações estabelecidas entre a apreensão religiosa pertencente ao imaginário espírita, com a compreensão de tempo e História por nós estudada, especificamente referenciando-se as análises das cenas em que o personagem estava preso no *Umbral*, relacionam-se a perspectiva de compreensão do tempo através da subjetividade.

Talvez, melhor menção que represente esta questão, seja a do poema escrito por André Luiz, o qual é recitado em momentos finais do filme, reflexão expressada pelo personagem de toda a sua experiência até aquele presente momento (a vida na Terra, a passagem pelo *Umbral*, e, sua estadia em *Nosso Lar*). (NARRADO pelo personagem, André Luiz, 2010);

*A vida não cessa e a morte é o jogo escuro de ilusões. Fechar os olhos do corpo não decide os nossos destinos. É preciso navegar no próprio drama, ou na própria comédia até quando teremos atravessado os caminhos da evolução espiritual, e só então encontraremos as águas do oceano divino. Uma existência é um ato; um corpo uma veste; um século um dia. E a morte... a morte é um sopro renovador. Mas não vou sofrer com ideia de eternidade... É sempre tempo de recomeçar.*

A fala do personagem André Luiz, neste trecho, representa a compreensão subjetiva do personagem diante do tempo, totalmente modificada de acordo com sua compreensão de vida e morte, ao compreender-se eterno, idêntico à temporalidade, o que anteriormente significaria excessivo conforme a noção de que a vida cessaria com a morte, por exemplo, a passagem de um século, torna-se uma parcela mínima diante da compreensão de eternidade, não apenas da temporalidade, mas da vida humana no tempo.

De acordo com os autores estudados no decorrer de nossas discussões, debatemos pautados na compreensão de temporalidade como longa duração e contínua, com transformações lentas, porém, significativas ao longo do tempo. Proposição também presente no imaginário espírita, que nega uma compreensão do tempo e do ser diante deste como ruptura.

Por mais que se alterem os paradigmas da vida, o que aconteceu no passado permanece inalterado, tais acontecimentos nos servem de reflexões e não como modelos estáticos que devem ser seguidos fielmente, mas que nos permitem fazermos ponderações, reflexões e planejamentos futuros, ressaltando que este, por mais que se planeje, não sabemos ao certo o que está para acontecer, pois de acordo com Morin (2000), a História e nossas metas, estão sempre cobertas pelo plano das incertezas.

Por fim, compreendemos um possível diálogo entre as noções apresentadas pela perspectiva filosófica e historiográfica de tempo, com as noções de tempo a partir das reflexões realizadas com relação às representações das cenas do filme *Nosso Lar*, respeitando as especificidades da perspectiva religiosa com a empreendida pelos autores.

## REFERÊNCIAS

Fonte: ASSIS, Wagner de; BRITIZ, Lafa. *Nosso Lar*. [Filme]. Produção de Lafa Britz, coprodução de Migdal Filmes e Globo Filmes, direção de Wagner de Assis. Cinética Filmes, 2010. DVD, Audiovisual, color, son.

BORGES, Donaldo de Assis. Os Fundamentos Histórico-filosóficos da ideia Cristã e do Espiritismo a partir das ideias de Sócrates e Platão. 2009. Disponível

em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>. Acesso em: 07 de março de 2011.

CAMARGO, Candido Procópio Ferreira de. *Kardecismo e Umbanda*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1961.

GARCIA, Luciana. Contracenando do “outro lado”. In: *Ser Espírita um novo olhar sobre a vida*. n. 10, ano 02, Curitiba, PA: 2010, p. 10-12.

GIUMBELI, Emerson. *Kardec nos Trópicos*. In: *História da Biblioteca Nacional*. ano 3. n.33, Rio de Janeiro, 2008.

KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Araras, SP: Instituto de Difusão Espírita, 2009.

KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Araras, SP: Instituto de Difusão Espírita, 2009.

KORNIS, Mônica Almeida. *História e Cinema: um debate metodológico*. v. 05, n. 10. Rio de Janeiro, 1992.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado contribuição á semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-RIO, 2006.

- LEWGOY, Bernardo. Chico Xavier e a cultura brasileira. Disponível em: [www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext). Acesso em: 20 de abril de 2011.
- LEWGOY, Bernardo. A Transnacionalização do Espiritismo Kardecista Brasileiro: Uma Discussão Inicial. In: *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: [www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext). Acesso em: 20 de abril de 2011.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários á educação do futuro*. São Paulo: Cortez Editora, 2000.
- NOVA, Cristiane. *A História Diante os Desafios Imagéticos*. São Paulo: Editora da PUC, s/d.
- PEREIRA, Yvone. *Memórias de um Suicida*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2010.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra História: Imaginando o Imaginário. In: *Revista Brasileira de História*. v. 15, n. 29, São Paulo, 1995.
- REIS, José Carlos. *História, a ciência dos homens no tempo*. Londrina: EDUEL, 2009.
- REIS, José Carlos. *Tempo, História e Evasão*. Campinas, SP: Papirus, 1994.
- RICOUER, Paul. *Tempo e Narrativa – Tomo III*. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- ROXO, Elisangela. “Nosso Lar” Supera Chico Xavier em Público e Arrecadação de Bilheteria. Disponível em: [www1.folha.com.br/ilustrada/809641-nosso-lar-supera-chico-xavier](http://www1.folha.com.br/ilustrada/809641-nosso-lar-supera-chico-xavier). Acesso em: 08 de outubro de 2010.
- SANTANA, Gelson. (org.). *Cinema comunicação e audiovisual*. São Paulo: Alameda.
- SARTRE, Jean Paul. *O Ser e o Nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- XAVIER, Francisco Cândido. *Nosso Lar*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2009.